

GIRISH CHANDRA GHOSH¹

Swami Chetanananda²



Girish Chandra Ghosh

Muitas vezes é muito difícil para as pessoas entenderem as ações e o comportamento dos grandes mestres do mundo. As pessoas julgam esses grandes seres de acordo com sua própria constituição mental e, às vezes, os criticam sem compreender o motivo por trás de suas ações. A história da vida de Buddha conta como os governantes de Vaishali ficaram desapontados quando Buddha aceitou um convite para jantar da cortesã Ambapali e recusou o deles. Os discípulos de Jesus ficaram surpresos quando encontraram seu Mestre conversando com a mulher samaritana, desprezada socialmente, perto do poço de Jacó; e, novamente, Simão não conseguia entender por que Jesus deixaria uma mulher caída ungir seus pés. Da mesma forma, a acusação foi feita contra Sri Ramakrishna de que ele não mostrava ‘suficiente abominação moral’ em relação a prostitutas e bêbados. Pelo contrário, descobrimos que uma das características

¹ Tradução do capítulo do livro *“They Lived with God”*, dedicado a Girish Chandra Ghosh.

² Swami Chetanananda é o líder espiritual da *Vedanta Society of St. Louis and Kansas City, Missouri, EUA*.

marcantes dessas grandes almas é que elas amam igualmente o virtuoso e o pecador. Na verdade, assim como uma mãe pode mostrar mais afeição por seu filho deficiente do que por seu filho saudável, os grandes mestres do mundo são, de certa forma, mais simpáticos para com os filhos pródigos de Deus do que para com os virtuosos. Afinal, que glória há em tornar um homem bom, bom? Buddha, Cristo, Sri Ramakrishna e outros deuses-homens prestaram atenção especial aos caídos, oprimidos e desamparados e, por seu poder redentor, elevaram os humildes ao mais alto estado. Eles transformaram pecadores em santos.

Girish Chandra Ghosh é exatamente um exemplo do poder transformador de Sri Ramakrishna. Antes de conhecer Sri Ramakrishna, Girish Ghosh levava uma vida imprudente e hedonista. Ele era um libertino autoproclamado e um rebelde contra Deus. No entanto, ele tinha uma mente forte e era um homem de tremendo coração. A mudança que Sri Ramakrishna deu à vida de Girish está resumida numa conversa que ocorreu entre eles em 14 de dezembro de 1884:

Mestre: 'Tenha fé na Divina Mãe e você alcançará tudo'.

Girish: 'Mas sou um pecador'.

Mestre: 'O infeliz que constantemente insiste no pecado se torna um pecador.'

Girish: 'Senhor, o próprio chão onde eu costumava sentar se tornava impuro'.

Mestre: 'Como você pode dizer isso? Suponha que uma luz seja trazida para um quarto que esteve escuro por mil anos; ela ilumina o quarto pouco a pouco, ou de uma só vez?'

Um pouco depois, Girish perguntou: 'Diga-me o que devo fazer'.

Mestre: 'Dê a Deus sua procuração. Deixe que Ele faça o que quiser'.³

A história da vida de Girish é muito interessante. Ela dá esperança aos desesperançados, fé aos infiéis e inspiração aos buscadores de Deus. Girish nasceu de pais piedosos em Calcutá em 28 de fevereiro de 1844 e cresceu como uma alma viva e despreocupada. Herdou de seu pai um intelecto aguçado e uma abordagem pragmática da vida, e de sua mãe o amor pela literatura e devoção a Deus. Mas foi sua avó quem o apresentou à rica herança dos épicos e da mitologia da Índia. À noite, ela lhe contava algumas daquelas histórias antigas, e ele ouvia com atenção absorta. Certa vez, ela estava descrevendo o episódio da partida de Krishna de *Vrindavan*, uma das cenas comoventes do *Bhāgavatam*. O tio de Krishna, Akrura, foi enviado para levar Krishna a *Mathura*, para desespero dos meninos e meninas pastores de *Vrindavan*. Quando Krishna se sentou na carruagem, os meninos começaram a chorar e imploraram: 'Ó Krishna, não nos deixe!'

³ M., *The Gospel of Sri Ramakrishna*, trans, by Swami Nikhilananda, Ramakrishna-Vivekananda Center (New York, 1969), p. 679, 682.

As meninas seguraram as rodas da carruagem, e algumas delas agarraram as rédeas dos cavalos. Mas Akrura não deu atenção a eles. Ele deixou *Vrindavan* com Krishna e, assim, os dias de alegria que os companheiros de brincadeiras de Krishna conheceram em sua companhia chegaram ao fim. Girish ouvia atentamente e, com os olhos marejados, perguntou à avó: 'Krishna alguma vez voltou a *Vrindavan*?' 'Não', respondeu a avó. Girish fez a pergunta três vezes e cada vez obteve a mesma resposta. Então ele caiu em prantos e fugiu. A história o perturbou tanto que nas várias noites seguintes ele se recusou a ouvir mais histórias.⁴

Quando tinha apenas onze anos, sua mãe morreu. Embora seu pai fosse muito amoroso e indulgente com Girish, ele queria que o menino aprendesse a andar com os próprios pés e dependesse apenas de Deus. Certa vez, Girish foi com seu pai de barco visitar *Navadvip*, o local de nascimento de Sri Chaitanya, que fica a vários quilômetros rio acima, no Ganga, a partir de Calcutá. No caminho, seu barco foi subitamente pego por uma corrente cruzada. Enquanto girava com perigo iminente de afundar, Girish agarrou-se firmemente à mão de seu pai. Felizmente, o barqueiro conseguiu navegar o barco para um local seguro. Quando chegaram à costa, o pai de Girish disse-lhe: 'Por que você segurou minha mão? Não sabe que minha vida me é mais cara do que a sua? Se o barco tivesse começado a afundar, eu teria arrancado minha mão de você e tentado salvar minha própria vida. Você teria sido abandonado'. Falando deste incidente muitos anos depois, Girish disse: 'As palavras cruéis de meu pai me machucaram terrivelmente, mas aprendi que não há ninguém além de Deus a quem se agarrar na hora do perigo'.⁵ Três anos após a morte de sua mãe, Girish perdeu seu pai.

Desde a infância, Girish era um leitor voraz e um livre-pensador. Com a permissão de seu pai, matriculou-se em uma escola após outra, mas não estava feliz em nenhuma delas. Achava a disciplina restritiva e seus métodos de ensino não satisfaziam sua sede de conhecimento. Um ano após a morte de seu pai, ele se casou e então deixou a escola completamente sem ter obtido um diploma.

Girish nasceu num período de transição da história indiana. Em Calcutá, particularmente, a educação e a cultura ocidentais foram impostas à sociedade indiana, desafiando a cultura e as religiões tradicionais indianas. Consequentemente, a juventude de sua geração cresceu num ambiente de dúvida, ateísmo e caos cultural. Ao limiar da maturidade, com pouca estabilidade na família ou na sociedade para guiá-lo, Girish começou a derivar para a embriaguez, devassidão, desregramento e obstinação. Tornou-se o líder de um grupo de jovens travessos em sua

20. ⁴ Abinash Chandra Gangopadhyay, *Girish Chandra*, Dey's Publishing (Calcutta, 1977), p.

⁵ *Ibid.*, p. 27.

localidade. Às vezes, chegava a profanar imagens de deuses e deusas hindus. Em poucos anos, tornou-se uma ameaça na vizinhança. No entanto, paralelamente ao seu comportamento perverso, Girish arrecadava dinheiro para ajudar os pobres a obter comida e remédios, ou providenciava a cremação daqueles em sua comunidade que haviam morrido. Depois de estudar medicina homeopática, ele próprio podia tratar as pessoas.

Girish frequentemente observava as pessoas na rua através de uma pequena abertura em sua porta. Certa tarde, quando os homens da vizinhança estavam no trabalho, ele observou um astrólogo hipócrita, disfarçado de monge, coletando informações de uma empregada doméstica sobre as mulheres da casa onde ela trabalhava. O homem então entrou naquela casa como adivinho, e as mulheres simples e curiosas vieram até ele para ler a palma da mão. Girish não tolerou isso. Ele agarrou um galho de uma árvore florida no pátio, quebrou-o e correu para atacar o astrólogo. Não parou de persegui-lo até que o astrólogo estivesse fora da localidade.⁶

Embora Girish não estivesse mais na escola, não abandonou os estudos. Ele eventualmente se tornou membro da Sociedade Asiática e de outras bibliotecas conhecidas de Calcutá. Sua leitura incluía o *Ramayana*, o *Mahabharata*, os *Puranas* e a literatura bengali. Dessa forma, gradualmente tornou-se versado em história, lógica, filosofia, zoologia e literatura inglesa. Ele também estudou ciência e medicina. Não se importava com conhecimento superficial. Sua capacidade de penetração profunda em qualquer assunto, além de sua aguçada observação do caráter humano e maravilhosa imaginação, são o que mais tarde o tornaram um poeta e dramaturgo nato.

Certa vez, um amigo de Girish, que mais tarde se tornou juiz do Tribunal Superior de Calcutá, disse-lhe: 'É impossível traduzir para o bengali as conversas das bruxas de Macbeth, de Shakespeare'. Imediatamente Girish decidiu traduzir a peça inteira.⁷ Era de sua natureza aceitar qualquer desafio ou fazer exatamente o que lhe diziam para não fazer. Se alguém dissesse: 'Não vá lá. Há um fantasma', ele imediatamente correria para aquele lugar para ver o fantasma. Era destemido, independente e orgulhoso de sua força. Ninguém podia fazê-lo começar ou parar um trabalho por pressão ou intimidação. Ele costumava dizer: 'Um animal pode ser domado pelo chicote, mas não um ser humano'. Sua atitude era: Se não gosto do meu trabalho, por que deveria fazê-lo? O que considerava certo, fazia, sem se importar se os outros o criticavam ou não.⁸

⁶ Mahendra Nath Datta, *Vivekananda Swamijir Jivaner Ghatanavali* (Calcutta, 1966), Volume 2, p. 64-65.

⁷ *Girish Chandra*, p. 20.

⁸ *Ibid.*, p. 32.

Enquanto isso, a imprudência e devassidão de Girish continuavam. Seu sogro finalmente decidiu introduzir algum tipo de disciplina na vida de Girish e conseguiu-lhe um emprego como guarda-livros em seu próprio escritório. Foi enquanto trabalhava lá que Girish traduziu *Macbeth* para o bengali.⁹ Infelizmente, esse manuscrito foi perdido quando a empresa faliu porque Girish estava então fora do escritório cuidando de sua esposa doente. No entanto, ele mais tarde retraduziu *Macbeth*, e ela foi encenada no Teatro Minerva em Calcutá. Girish trabalhou em várias funções em diferentes negócios durante os quinze anos seguintes. Ele tinha energia indomável e estava se envolvendo cada vez mais no teatro. Assim, era prática comum ele trabalhar o dia todo no escritório e depois ir ao teatro à noite para atuar numa peça, voltando para casa às três ou quatro da madrugada.

É realmente infeliz a pessoa que perde a mãe na infância, o pai na adolescência e a esposa no início da idade adulta. Em 1874, quando Girish tinha apenas trinta anos, sua jovem esposa morreu, deixando-lhe um filho e uma filha. Pouco depois, ele perdeu o emprego. Uma espessa e escura nuvem de desespero parecia pairar sobre ele. Assim como Deus criou a tristeza para subjugar o homem, o homem criou o vinho para subjugar a tristeza. Novamente Girish derivou, tentando esquecer suas mágoas com a ajuda do álcool. Mas, ao mesmo tempo, suas emoções reprimidas encontraram vazão numa série de composições poéticas primorosas.

Durante esse período, ele foi a *Bhagalpur*, na Índia Central, por um curto período a negócios. Um dia, enquanto estava lá, saiu para passear com alguns amigos e, num estado de espírito exuberante, saltou para dentro de uma ravina profunda. Quando tentou sair, descobriu que não conseguia. Seus amigos então tentaram resgatá-lo, mas também falharam. Um deles comentou: 'Agora estamos com um problema sério. Você é ateu, e ainda assim ninguém pode salvá-lo agora senão Deus. Vamos orar juntos'. Girish se viu juntando-se de todo coração à oração e, estranhamente, exatamente naquele momento encontrou uma saída da ravina. Depois de estar a salvo, disse aos amigos: 'Hoje invoquei a Deus por medo. Se eu o invocar novamente, será por amor; caso contrário, não o invocarei, mesmo à custa da minha vida'.¹⁰

Após retornar a Calcutá, Girish casou-se novamente e também encontrou outro emprego. Seu novo supervisor era um inglês que introduziu a prática de convocar seus funcionários tocando uma campainha. Um dia, ele tocou para Girish. Girish ouviu a campainha, mas não respondeu. O supervisor enviou um atendente para perguntar a Girish se ele tinha ouvido a campainha ou não. Girish simplesmente respondeu:

⁹ *Ibid.*, p. 117; *Udbodhan*, Volume 14, p. 721.

¹⁰ *Udbodhan*, Volume 15, p. 138-39.

‘Não, não ouvi a campainha’, e continuou com seu trabalho. O supervisor ficou zangado quando ouviu o relato e foi ele mesmo até Girish. ‘Estou chamando você. Por que não responde?’ ‘Não ouvi a campainha’, respondeu Girish. ‘Mesmo assim, como posso saber que a campainha está me chamando? A campainha nunca diz: “Girish, Girish”’. Então, mais seriamente, disse: ‘Ouça, senhor. Até agora falei com você como um cavalheiro; agora serei franco. Não sou seu criado ou carregador. Não estou acostumado a ficar de pé e sentar conforme uma campainha. Sinto que é humilhante para um subordinado ser convocado por uma campainha. E quando seus empregados são humilhados, uma empresa perde sua reputação’. O dono da empresa soube do incidente e apoiou Girish. Mais tarde, o supervisor pediu desculpas a Girish, e eles eventualmente se tornaram amigos íntimos.¹¹

Seis meses após seu segundo casamento, Girish adoeceu com um tipo virulento de cólera, e os médicos perderam as esperanças de sua recuperação. Girish estava deitado em sua cama em estado semiconsciente, cercado por parentes chorosos, quando teve uma visão: Uma forma feminina resplandecente, usando uma roupa de borda vermelha, apareceu diante dele. Seu rosto estava cheio de compaixão e amor. Ela se sentou perto dele e, colocando algo em sua boca, disse: ‘Por favor, coma este *prasad* [alimento santificado] e você será curado’. Girish lentamente recuperou a consciência, e a partir desse momento sua recuperação começou.¹² Ele mais tarde contou essa misteriosa visão a seus irmãos discípulos e acrescentou: ‘Dezesseis anos depois [em 1891], quando fui pela primeira vez a *Jayrambati* para ver a Santa Mãe, descobri, para minha surpresa e deleite, que a mulher que havia salvado minha vida com o santo *prasad* não era outra senão a própria Santa Mãe’.¹³

Doença, morte de um ente querido, um acidente ou sofrimento incalculável invariavelmente levam a um ponto de virada na vida de alguém. Girish estava experimentando tudo isso e, apesar de seu proclamado ateísmo, começou a se perguntar se de fato existia uma Realidade maior. Ele escreveu em suas memórias: ‘Numa crise como essa, pensei: “Deus existe? Ele ouve as orações do homem? Ele lhe mostra o caminho das trevas para a luz?” Minha mente disse: “Sim”. Imediatamente fechei os olhos e orei: “Ó Deus, se tu existes, leva-me adiante. Dá-me refúgio. Não tenho ninguém”. Lembrei-me das palavras do *Gita*: “Aqueles que me invocam apenas nos dias de aflição, a eles também trarei socorro e refúgio”. Essas palavras penetraram fundo em minha consciência e me deram consolo na tristeza. Descobri que as palavras do *Gita* eram

¹¹ Achintya Kumar Sengupta, *Ratnakar Girishchandra*, Anandadhara Prakashan (Calcutta, 1964), p. 20-21; Abinash, *Girish Chandra*, p. 121-22.

¹² *Udbobhan*, Volume 15, p. 139-41.

¹³ Advaita Ashrama, *The Disciples of Sri Ramakrishna* (Calcutta, 1955), p. 391.

verdadeiras. Assim como o sol remove a escuridão da noite, o sol da esperança surgiu e dissipou a escuridão que se acumulara espessa em minha mente. No mar de problemas, encontrei o porto do repouso. Mas eu nutri a dúvida todos esses anos. Eu argumentara longamente, dizendo: “Não há Deus”. Para onde iriam as impressões desses pensamentos? Comecei a raciocinar em termos de causa e efeito e argumentei que tal e tal causa produziu tal e tal efeito, que foi fundamental para trazer libertação deste perigo. Diz-se que a dúvida custa a morrer. Novamente me tornei vítima da dúvida. Mas não tive coragem de dizer ousadamente: “Deus não existe”.

‘O desejo de investigação veio. Olhando para a corrente dos acontecimentos, às vezes a fé, às vezes a dúvida, emergiam. Todos com quem discuti meu problema disseram unanimemente que sem a instrução de um guru a dúvida não iria embora e nada poderia ser alcançado na vida espiritual. Mas meu intelecto se recusava a aceitar um ser humano como guru; pois é preciso saudar o guru com as palavras: “Guru é Brahmā, Guru é Vishnu, Guru é o Senhor Maheshwara [Shiva], o Deus dos deuses, etc.”. Como eu poderia dizer isso a um homem como eu? Isso era hipocrisia. Mas a tirania da dúvida era intolerável. Conflitos terríveis perfuraram meu coração de lado a lado. Essa condição pode ser mais imaginada do que descrita. Suponha que um homem, de repente, seja arrastado à força para uma sala escura e solitária com os olhos vendados, e lá mantido confinado sem comida e bebida. Qual será o estado de sua mente? Se você puder imaginar sua condição mental, será capaz de entender algo da minha. Houve momentos em que fiquei sem fôlego de emoção. Pensamentos de desespero me cortavam como uma serra. Em outras ocasiões, a memória do passado era revivida e a escuridão do meu coração não tinha limites’.¹⁴

Girish tinha lido sobre Sri Ramakrishna no *Indian Mirror*. Ele também soube como o famoso Keshab Chandra Sen e seus seguidores do *Brahmo Samaj* haviam sido influenciados por Sri Ramakrishna. Ele então ficou curioso para saber mais sobre este homem santo de Dakshineswar. Muito provavelmente, Girish encontrou Sri Ramakrishna pela primeira vez em 1877, na casa de Dinanath Basu, em Calcutá. Em suas reminiscências, Girish registrou seus primeiros encontros com Sri Ramakrishna. Ao descrever seu primeiro encontro: ‘Era anoitecer. Luzes foram acesas e colocadas diante de Sri Ramakrishna. Mas ele começou a fazer perguntas repetidas, dizendo: “É noite? É noite?” Diante disso, pensei comigo mesmo: “Que fingimento! É anoitecer. Luzes estão queimando diante dele. No entanto, ele não pode dizer se é noite ou não”. Pensando que já o tinha visto o suficiente, fui embora’.¹⁵

¹⁴ Vedanta Press, Hollywood, *Vedanta and the West* (March-April 1953), p. 48-50.

¹⁵ *Ibid.*, p. 50.

Alguns anos depois, Girish viu Sri Ramakrishna pela segunda vez na casa de Balaram Basu. Muitas pessoas foram convidadas naquele dia para encontrar o Mestre. Uma dançarina chamada Bidhu estava sentada ao lado de Sri Ramakrishna para cantar algumas canções devocionais para ele. Girish observou Sri Ramakrishna falando com as pessoas e recebendo-as com a máxima humildade, prostrando-se no chão. Girish escreveu em suas reminiscências: 'Um velho amigo meu, apontando para ele, disse sarcasticamente: "Bidhu deve ter tido uma intimidade anterior com ele. É por isso que ele está rindo e brincando com ela". Mas não gostei de suas insinuações. Nesse momento, Sisir Kumar Ghosh, o conhecido editor do *Amrita Bazar Patrika*, chegou. Ele parecia ter muito pouco respeito por Sri Ramakrishna. Ele disse: "Vamos embora. Já chega dele!" Eu queria ficar e ver um pouco mais, mas ele insistiu e me fez ir com ele'.¹⁶

Em agosto de 1884, o drama de Girish sobre a vida de Sri Chaitanya estava causando sensação em Calcutá. Sri Ramakrishna ouviu falar da peça e quis vê-la, mas alguns devotos objetaram porque vários dos papéis eram desempenhados por mulheres de má reputação. Naqueles dias, moças de boas famílias não se tornavam atrizes no teatro. Sri Ramakrishna disse aos devotos: 'Olharei para elas como a própria Mãe Bem-aventurada. Que importa se uma delas representa o papel de Chaitanya? Uma imitação de fruta-pão lembra a fruta verdadeira'.¹⁷

Girish escreveu em suas memórias para o dia 21 de setembro de 1884: 'Minha peça, *A Vida de Chaitanya*, estava sendo encenada no *Star Theatre*. Eu estava passeando no pátio externo do teatro quando Mahendra Nath Mukhopadhyay, um dos devotos de Sri Ramakrishna, veio e me disse: "Sri Ramakrishna veio ver a peça. Se você lhe der um passe livre, tudo bem. Caso contrário, compraremos uma entrada para ele".

'Respondi: "Ele não terá que comprar entrada. Mas os outros terão". Dizendo isso, fui cumprimentá-lo. Encontrei-o descendo da carruagem e entrando no pátio do teatro. Eu queria saudá-lo. Mas antes que eu pudesse fazê-lo, ele me saudou. Retribuí a saudação. Ele me saudou novamente. Eu inclinei a cabeça e ele fez o mesmo comigo. Pensei que isso poderia continuar para sempre, então o saudei mentalmente e o levei escada acima e ofereci-lhe um lugar no camarote. Depois de providenciar para que um atendente o abanasse, voltei para casa, sentindo-me indisposto'.¹⁸ Este foi o terceiro encontro de Girish.

Após a apresentação, um devoto perguntou a Sri Ramakrishna como ele tinha gostado da peça. Ele respondeu com um sorriso: 'Achei a representação igual ao real'.¹⁹ Nesta ocasião, ele abençoou a atriz Binodini,

¹⁶ *Ibid.*, p. 51.

¹⁷ *The Gospel*, p. 546.

¹⁸ *Vedanta and the West* (March-April 1953), p. 51.

¹⁹ *The Gospel*, p. 556.

que havia representado o papel de Sri Chaitanya, tocando sua cabeça e dizendo: ‘Seja iluminada’.²⁰ Binodini escreveu em sua autobiografia: ‘Não me importo se as pessoas do mundo desprezam minha vida pecaminosa. Fui abençoada por Sri Ramakrishna. Sua mensagem amorosa e esperançosa ainda me sustenta. Quando estou terrivelmente deprimida, vejo seu doce e compassivo rosto em meu coração e ouço sua voz: “Diga Hari guru, guru Hari [Deus é seu guru, e o guru é seu Deus]”’.²¹

Pessoas de toda Bengala vieram homenagear Girish por sua excelente apresentação da vida de Chaitanya. Até mesmo Vaishnavas ortodoxos (seguidores de Chaitanya) foram ver a peça no teatro — um fato notável, pois o teatro era tradicionalmente considerado um lugar imoral. Alguns deles foram à casa de Girish para conhecê-lo pessoalmente. Girish, tendo atuado até tarde da noite anterior, não estava muito entusiasmado em receber visitantes efusivos durante o dia, e também estava cansado de bajulação. Finalmente, ele criou um plano para se livrar da multidão. Enchendo seu copo de uma garrafa, começou a beber. Os devotos Vaishnavas então perguntaram: ‘Senhor, o senhor está doente? Está tomando remédio?’ Girish respondeu: ‘Não, não é remédio. Estou bebendo vinho’. Descobrindo que sua vida e o ideal expresso em sua peça eram opostos, os visitantes foram embora. Girish sorriu consigo mesmo e pensou: ‘Eu sou Girish Ghosh. Não tenho medo ou vergonha de nada. Por que deveria me importar com as opiniões dos outros?’²²

Na quarta vez que viu Sri Ramakrishna, Girish sentiu pela primeira vez a maravilhosa atração divina que atraía os devotos ao Mestre. Em suas próprias palavras: ‘Eu estava sentado na varanda da casa de um amigo, que ficava numa encruzilhada, quando vi Sri Ramakrishna aproximando-se lentamente, acompanhado por Narayana e alguns outros devotos. Mal tinha virado meus olhos para ele, ele me saudou. Retribuí a saudação. Então ele seguiu em frente. Por uma razão inexplicável, meu coração sentiu-se atraído por ele por uma corda invisível. Assim que ele percorreu uma curta distância, senti um impulso de segui-lo. Não conseguia ficar calmo, pois a atração que sentia não era desta terra. Era algo para o qual nenhuma experiência anterior jamais me preparara. Era algo único, que nenhuma palavra podia descrever. Naquele exato momento, uma pessoa, cujo nome não me lembro, trouxe-me uma mensagem dele e disse: “Sri Ramakrishna está chamando você”. Eu fui’.²³

Sri Ramakrishna estava a caminho da casa de Balaram Basu, e Girish o seguiu até lá. Seu relato continua: ‘Após trocar algumas palavras com

²⁰ *Girish Chandra*, p. 198.

²¹ Nalini Ranjan Chattopadhyay, *Sri Ramakrishna O Banga Rangamancha*, Mandal Book House (Calcutta, 1978), p. 74.

²² *Swamijir Jivaner Ghatanavali* (Calcutta, 1967), Volume 3, p. 71-72.

²³ *Vedanta and the West* (March-April 1953), p. 53.

Balaram, Sri Ramakrishna exclamou de repente: “Estou bem. Estou bem”. Dizendo isso, ele entrou num estado de consciência que me pareceu muito estranho. Então ele observou: “Não, não, isto não é fingimento. Isto não é fingimento”. Ele permaneceu neste estado por um tempo e depois retomou seu estado normal. Perguntei-lhe: “O que é um guru?” Ele respondeu: “Você sabe o que é o guru? Ele é como um casamenteiro. Um casamenteiro providencia a união da noiva com o noivo. Da mesma forma, um guru prepara o encontro da alma individual com seu Amado, o Espírito Divino”.... Então ele disse: “Você não precisa se preocupar. Seu guru já foi escolhido”. Perguntei: “O que é o *mantram*?” Ele respondeu: “O nome de Deus”.

Ainda descrevendo o mesmo encontro, Girish escreveu: ‘Então a conversa derivou para o teatro, e ele disse: “Gostei muito da sua peça. O sol do conhecimento começou a brilhar sobre você. Todas as manchas do seu coração serão lavadas. Muito em breve a devoção surgirá para adoçar sua vida com abundante alegria e paz”. Eu lhe disse que não tinha nenhuma dessas qualidades e que tinha escrito a peça apenas com a ideia de ganhar algum dinheiro. Ele ficou quieto. Então disse: “Você poderia me levar ao seu teatro e mostrar-me outra peça sua?” Respondi: “Muito bem. Qualquer dia que o senhor quiser”. Ele disse: “Você deve me cobrar alguma coisa”. Eu disse: “Está bem, o senhor pode pagar oito *annas*”. Sri Ramakrishna disse: “Isso me dará um lugar no balcão, que é um lugar muito barulhento”. Respondi: “Oh não, o senhor não irá lá. Sentar-se-á no mesmo lugar onde se sentou da última vez”. Ele disse: “Então você deve cobrar uma *rupia*”. Eu disse: “Está bem, como quiser”. Nossa conversa terminou’.²⁴

Girish era um homem orgulhoso, muito contrário à ideia de curvar-se diante de alguém. Mas através da influência de Sri Ramakrishna, sua arrogância, grosseria e orgulho gradualmente começaram a derreter. Girish descreveu seus pensamentos no quinto encontro: ‘Eu estava sentado no camarim do teatro quando um devoto veio a mim apressadamente e disse com alguma preocupação: “Sri Ramakrishna está aqui em sua carruagem”. Respondi: “Muito bem. Leve-o a um camarote e ofereça-lhe um lugar”. Mas o devoto respondeu: “O senhor não irá cumprimentá-lo pessoalmente e levá-lo você mesmo?” Com alguma irritação, disse: “Ele precisa de mim? Não pode chegar lá sozinho?” No entanto, eu fui. Encontrei-o descendo da carruagem. Vendo seu rosto sereno e radiante, meu coração de pedra derreteu. Reprochei-me com vergonha, e essa vergonha ainda assombra minha memória. Pensar que eu me recusara a cumprimentar esta alma doce e gentil! Então o conduzi escada acima. Lá, eu o saudei, tocando seus pés. Ainda agora não entendo a razão, mas

²⁴ *Ibid.*, p. 53-54.

naquele momento uma mudança radical ocorreu em mim e eu era um homem diferente. Ofereci-lhe uma rosa, que ele aceitou. Mas ele a devolveu novamente, dizendo: “Apenas um deus ou um dândi tem direito a flores. O que farei com ela?”²⁵

Girish levou Sri Ramakrishna e alguns de seus devotos ao salão do *Star Theatre*, onde ocorreu a seguinte conversa:

Mestre: ‘Ah! Você escreveu boas peças’.

Girish: ‘Mas, senhor, quão pouco assimilo! Apenas escrevo’.

Mestre: ‘Não, você assimila muito. Outro dia eu lhe disse que ninguém poderia esboçar um caráter divino a menos que tivesse amor a Deus em seu coração’...

Girish: ‘Pergunto-me muitas vezes: “Por que me preocupar mais com o teatro?”’

Mestre: ‘Não, não! Deixe as coisas como estão. As pessoas aprenderão muito com suas peças’.

Após o drama, que era sobre a vida do grande devoto Prahlada, Girish perguntou a Sri Ramakrishna: ‘Como o senhor gostou da apresentação?’ Sri Ramakrishna respondeu: ‘Descobri que era o próprio Deus quem estava representando os diferentes papéis. Aquelas que representavam os papéis femininos pareciam-me as encarnações diretas da Mãe Bem-aventurada’.²⁶

Nesta ocasião, Sri Ramakrishna disse a Girish: ‘Há algo de tortuoso em seu coração’. Girish pensou consigo mesmo: ‘Sim, de fato. Muito disso – de vários tipos’. Então perguntou ao Mestre: ‘Como me livrarei disso?’ Sri Ramakrishna respondeu: ‘Tenha fé’.²⁷

Certa tarde, Girish foi ao teatro e encontrou um bilhete dizendo que Sri Ramakrishna visitaria a casa de Ram Chandra Datta em Calcutá naquele dia. Girish de repente sentiu um desejo irresistível de ver o Mestre. Ele deixou o teatro e foi para a casa de Ram Datta, embora não o conhecesse e não tivesse recebido um convite formal. Mais tarde, escreveu em suas memórias: ‘Era noite. Sri Ramakrishna dançava em êxtase no pátio. Havia canto acompanhado por um tambor. Os devotos dançavam em círculo ao redor de Sri Ramakrishna. As palavras da canção eram: “*Nadia* [lugar de nascimento de Sri Chaitanya] está sacudida pelas ondas crescentes do amor divino que emanam do coração de Gauranga”. O pátio parecia um mar de bem-aventurança. Lágrimas encheram meus olhos. Sri Ramakrishna de repente ficou imóvel. Ele estava absorto em *samādhi*. Os devotos começaram a tocar a poeira de seus pés. Eu queria fazer o mesmo, mas não conseguia, pois era tímido. Estava pensando no que os outros poderiam dizer se eu fosse a Sri Ramakrishna e tocasse a poeira de seus

²⁵ *Ibid.*, p. 55

²⁶ *The Gospel*, p. 677-78.

²⁷ *Vedanta and the West* (March-April 1953), p. 55.

pés. Mal esse pensamento cruzou minha mente, Sri Ramakrishna, descendo do *samādhi*, começou a dançar novamente. Enquanto dançava, ele veio para a minha frente e parou, mais uma vez absorto em *samādhi*. Agora não havia mais hesitação da minha parte em tocar seus pés. Toquei a poeira de seus pés.

‘Após a música, Sri Ramakrishna veio e sentou-se na sala de visitas. Eu o segui. Então ele começou a falar comigo. Perguntei-lhe: “A tortuosidade sairá do meu coração?” Ele disse: “Sim, sairá”. Novamente fiz a mesma pergunta, e ele deu a mesma resposta. Repeti-o mais uma vez, e ele disse a mesma coisa’.²⁸

Uma grande mudança estava ocorrendo em Girish. Ele sentia como se Sri Ramakrishna fosse seu próprio parente próximo. O cuidado e a preocupação amorosos do Mestre fizeram Girish entender que ele não o condenaria por suas deficiências. Girish escreveu: ‘Fui a Dakshineswar. Encontrei Sri Ramakrishna sentado na varanda sul de seu quarto. Ele estava conversando com um jovem devoto chamado Bhavanath. Prostrei-me diante de Sri Ramakrishna e recitei mentalmente o verso: “Guru é Brahmā, Guru é Vishnu, Guru é o Senhor Maheshwara, o Deus dos deuses”. Ele disse: “Estava falando sobre você. E se você não acredita em mim, pergunte a Bhavanath”.

‘Depois de um tempo, ele começou a me dar alguns conselhos espirituais. Eu o interrompi, dizendo: “Não ouvirei nenhum conselho. Eu mesmo escrevi pilhas deles. Não adianta. Faça algo que transforme minha vida”. Ouvindo essas palavras, Sri Ramakrishna ficou muito satisfeito. Ramlal, seu sobrinho, estava presente. Sri Ramakrishna pediu-lhe que recitasse um hino em particular, que dizia: “Vá para a solidão e tranque-se numa caverna. A paz não está lá. A paz está onde há fé, pois a fé é a raiz de tudo”. Vi um sorriso nos lábios de Sri Ramakrishna e senti naquele momento que estava livre de todas as impurezas. E naquele momento, minha cabeça arrogante se curvou baixo a seus pés. Nele encontrei meu santuário e todo o meu medo desapareceu. Prostrei-me diante dele e estava prestes a voltar para casa. Ele me seguiu até a varanda norte. Lá perguntei-lhe: “Agora que recebi sua graça, devo continuar o mesmo tipo de trabalho que tenho feito?” Sri Ramakrishna respondeu: “Sim, por que não?” Pelas suas palavras, entendi que minha ligação com o teatro não prejudicaria minha vida espiritual.

‘Meu coração se encheu de felicidade. Senti como se tivesse nascido de novo. Eu era um homem totalmente mudado. Não havia mais dúvida ou conflito em minha mente. “Deus é real. Deus é meu santuário; encontrei meu refúgio neste Deus-homem. Agora posso realizar Deus facilmente”. Pensamentos como esses lançavam seu feitiço sobre mim noite e dia.

²⁸ *Ibid.*, p. 55-56.

Acordado ou sonhando, o mesmo estado de espírito persistia: “Destemido eu sou! Encontrei o que é meu próprio. O mundo não pode mais me prender, pois até o maior medo, o medo da morte, se foi.”²⁹

Há um ditado que diz que se um homem dá um passo em direção a Deus, Deus dá dez passos em direção a ele. Não era apenas que Girish estava buscando Sri Ramakrishna; ainda mais, era Sri Ramakrishna quem estava buscando Girish para desempenhar um papel vital em seu drama divino.

Muito antes de conhecer Girish, Sri Ramakrishna tivera uma visão que descreveu da seguinte forma: ‘Um dia, enquanto meditava no templo de Kali, vi um menino nu entrando no templo. Ele tinha um topete de cabelo no alto da cabeça e carregava uma garrafa de vinho debaixo do braço esquerdo e um vaso de néctar na mão direita. “Quem é você?” perguntei. “Sou Bhairava [o chefe do séquito de Shiva]”, ele respondeu. Ao perguntar-lhe a razão de sua vinda, ele respondeu: “Para fazer o seu trabalho”. Anos depois, quando Girish veio a mim, reconheci nele aquele Bhairava’.³⁰

Girish odiava a hipocrisia do fundo do seu coração. Sendo ousado e forte de caráter, não achava necessário esconder suas fraquezas. E, de fato, é preciso uma coragem tremenda para unir mente e fala, especialmente para o seu próprio descrédito. Girish dizia: ‘Bebi tantas garrafas de vinho que, se você colocasse uma garrafa em cima da outra, elas alcançariam a altura do Monte Everest’.³¹ É verdade que ele bebia muito e que uma vez fora viciado em ópio. Ele também visitava bordéis com frequência. Mas não se deve pensar que ele era um sedutor, um explorador, um trapaceiro ou dado à crueldade real. Sua força de caráter o mantinha acima da hipocrisia e de outros males semelhantes.

Quando Girish estava bêbado, tinha pouco controle sobre sua fala e comportamento. Vendo-o nessa condição, até as meninas dos bordéis hesitavam em abrir-lhe as portas. ‘Uma noite’, disse Girish, ‘num estado eufórico e de embriaguez, eu estava visitando uma casa de prostituição com dois amigos. Mas de repente senti um impulso de visitar Sri Ramakrishna. Meus amigos e eu alugamos uma carruagem e fomos para Dakshineswar. Era tarde da noite, e todos estavam dormindo. Nós três entramos no quarto de Sri Ramakrishna, embriagados e cambaleantes. Sri Ramakrishna agarrou minhas duas mãos e começou a cantar e dançar em êxtase. O pensamento passou pela minha mente: “Aqui está um homem cujo amor abraça a todos — até mesmo um homem mau como eu, que

²⁹ *Ibid.*, p. 57.

³⁰ *The Disciples of Sri Ramakrishna*, p. 400.

³¹ Christopher Isherwood, *Ramakrishna and His Disciples*, Methuen & Co. (London, 1965), p. 252.

minha própria família condenaria neste estado. Certamente este homem santo, respeitado pelos justos, é também o salvador dos caídos'''³²

Um dia, um devoto queixou-se a Sri Ramakrishna sobre o hábito de Girish de beber e implorou-lhe que pedisse a Girish para abandoná-lo. Mas Sri Ramakrishna respondeu severamente: 'Por que você incomoda sua cabeça com ele? Aquele que se encarregou dele cuidará dele. Girish é um devoto do tipo heroico. Digo-lhe, beber não o afetará'.³³

Em outra ocasião, Sri Ramakrishna perguntou a Aswini Kumar Datta se ele conhecia Girish Ghosh.

'Qual Girish Ghosh? O ligado ao teatro?'

'Sim'.

'Nunca o vi, mas o conheço por reputação'.

'Um homem bom'.

'Dizem que ele bebe'.

'Deixe-o beber! Deixe-o! Por quanto tempo ele continuará com isso?'³⁴

Sri Ramakrishna nunca proibiu Girish de beber, pois sabia que leva tempo para mudar hábitos profundamente enraizados. No entanto, a influência silenciosa do amor do Mestre operou milagres.

Girish via sua vida mudando sob a influência de Sri Ramakrishna, mas não conseguia compreender a natureza desta grande alma. Um dia perguntou ao Mestre: 'Quem é o senhor?' Sri Ramakrishna respondeu: 'Alguns dizem que sou Ramprasad [um poeta-santo de Bengala], outros que sou Raja Ramakrishna. Simplesmente vivo aqui'.³⁵

Gradualmente, Girish convenceu-se de que Sri Ramakrishna era uma Encarnação de Deus e começou a espalhar essa ideia entre os devotos. Numa certa ocasião, Sri Ramakrishna perguntou a Girish: 'Olá! O que você estava dizendo sobre mim? Eu como, bebo e me divirto'.

Girish: 'O que deveríamos estar dizendo sobre o senhor? Tu és um homem santo?'

Mestre: 'Não, nada disso. Verdadeiramente não sinto que sou um homem santo'.

Girish: 'Não sou seu igual nem brincando'.³⁶

No mesmo tom, Girish contou certa vez que Sri Ramakrishna perguntara ao futuro Swami Yogananda o que ele pensava dele. O jovem respondera: 'O senhor não é um chefe de família nem um *sannyāsin* [monge]'. Sri Ramakrishna ficou muito satisfeito e exclamou: 'Que

³² *Vedanta and the West* (March-April 1953), p. 56-57.

³³ Ram Chandra Datta, *Sri Sri Ramakrishna Paramahamsadever Jivanvrittanta*, Yogodyana (Calcutta, 1950), p. 144.

³⁴ *The Gospel*, p. 1026

³⁵ Advaita Ashrama, *Life of Sri Ramakrishna* (Calcutta, 1943), p. 447-48.

³⁶ *The Gospel*, p. 694.

declaração extraordinária você acaba de fazer!’³⁷ Sri Ramakrishna ficou feliz em saber que seu discípulo reconheceu sua natureza divina, que está além de todas as limitações e estágios da vida.

Um dia, Girish entregou-se completamente ao Mestre. Pediu-lhe instrução sobre o que deveria fazer a partir de então. ‘Faça exatamente o que está fazendo agora’, disse Sri Ramakrishna. ‘Segure Deus com uma mão e o mundo com a outra. Pense em Deus pelo menos de manhã e à noite’. Isso pareceu simples a Girish; mas então ele lembrou que sua vida era tão irregular que seria difícil para ele lembrar-se de Deus naquelas horas determinadas, então ele ficou quieto. Sri Ramakrishna leu sua mente e disse: ‘Bem, se você não pode fazer isso, então lembre-se de Deus antes de comer e antes de dormir’. Mas agora Girish relutava em prometer qualquer coisa a Sri Ramakrishna. Ele sabia que, com sua resistência instintiva à autodisciplina e às regras, talvez não conseguisse cumprir nem mesmo essa simples observância. Então Sri Ramakrishna entrou num estado de êxtase e disse-lhe: ‘Então você não está disposto a concordar nem com isso. Está bem. Dê-me sua procuração. Doravante, assumirei total responsabilidade por você. Você não terá que fazer nada’.

Girish sentiu-se aliviado. Isso soou ao seu gosto, pois ele entendeu que Sri Ramakrishna o havia aliviado de toda a responsabilidade por seu próprio bem-estar espiritual e o havia tornado livre. Mas, na verdade, ele se tornara escravo de Sri Ramakrishna. A autoentrega completa é mais vinculativa do que a observância de disciplinas rigorosas. Um dia, logo após isso, Girish observou na presença de Sri Ramakrishna: ‘Farei isto’. ‘Não, não’, corrigiu Sri Ramakrishna. ‘Você não pode mais falar assim. Diga: “Farei isto se Deus quiser”’.³⁸ Girish começou a entender o mistério da procuração. Com o tempo, ele percebeu que não podia realizar nenhuma ação por sua própria vontade. Ele tinha que se entregar conscientemente à Vontade Divina e, gradualmente, descobriu que era forçado a pensar no Mestre a cada momento. Na parte final de sua vida, ele dizia: ‘Olhe para mim. Não sou livre nem para respirar’.³⁹

Em grande medida, o progresso na vida espiritual depende da intensidade do esforço de alguém. No entanto, ainda leva tempo para erradicar *samskaras* passados (impressões da mente). No caso de Girish, porém, sua fé e amor eram tão intensos que uma transformação em sua vida ocorreu muito rapidamente. Apesar disso, Sri Ramakrishna certa vez fez um comentário sobre Girish a outro devoto: ‘Você pode lavar mil vezes um copo que conteve uma solução de alho; mas é possível eliminar

³⁷ *Vedanta and the West*, Issue 187, p. 58.

³⁸ Swami Saradananda, *Sri Ramakrishna, The Great Master*, trans. by Swami Jagadananda, Ramakrishna Math (Madras, 1978), Volume 1, p. 375-77.

³⁹ Isherwood, *Ramakrishna*, p. 254.

completamente o cheiro?’ Girish soube disso e ficou magoado. Ele foi a Sri Ramakrishna e perguntou: ‘Esse cheiro de alho irá embora?’

‘Sim, irá.

‘Então o senhor diz que irá embora’.

‘Todo cheiro desaparece quando um fogo ardente é aceso. Se você aquecer um copo com cheiro de alho, livra-se do cheiro; ele se torna um copo novo’.⁴⁰

De vez em quando, Sri Ramakrishna visitava o teatro de Girish e levava-lhe doces. Certa vez, o Mestre alimentou Girish com as próprias mãos. Girish escreveu sobre isso em suas memórias: ‘Um dia, quando cheguei a Dakshineswar, Sri Ramakrishna estava terminando sua refeição do meio-dia. Ofereceu-me sua sobremesa, mas quando eu ia comê-la, ele disse: “Espere. Deixe-me alimentá-lo eu mesmo”. Então ele colocou o pudim em minha boca com seus próprios dedos, e eu comi com tanta fome e despreocupação como um bebê pequeno. Esqueci que era adulto. Senti que era um filho de uma mãe, e a mãe estava me alimentando. Mas agora, quando me lembro de como estes meus lábios tocaram muitos lábios impuros, e de como Sri Ramakrishna me alimentou, tocando-os com sua mão santa, fico dominado pela emoção e digo a mim mesmo: “Isto realmente aconteceu? Ou foi apenas um sonho?”’⁴¹

Um dia, Sri Ramakrishna pediu a Girish que massageasse seus pés, dando-lhe a oportunidade de prestar-lhe serviço pessoal e amoroso como um discípulo íntimo. Girish escreveu mais tarde: ‘Eu não queria. Pensei: “Que absurdo! Quem vai sentar e massagear os seus pés?” Mas agora, quando a memória retorna, fico dominado pelo remorso. É apenas o pensamento de seu amor infinito que me dá consolo’.⁴²

Gradualmente, porém, Girish começou a notar como outros devotos estavam servindo o Mestre com amor e respeito e, em contraste, que vida terrível ele estava levando. Ele se sentiu mal, mas devido ao seu estilo de vida dissoluto, relutava em oferecer seu serviço. Então, um dia, quando Sri Ramakrishna visitava o teatro, Girish, sob a influência do álcool, expressou seu desejo: ‘Não pude servi-lo nesta vida. Mas se o senhor nascer novamente como meu filho, poderei fazê-lo. Por favor, prometa-me que será meu filho’. ‘O que você está dizendo?’ disse Sri Ramakrishna. ‘Por que eu deveria nascer como seu filho? Serei seu guru, sua Divindade Escolhida’. Então Girish ficou zangado e abusou do Mestre em linguagem grosseira. Os devotos que estavam presentes ficaram muito chocados e perturbados e pediram ao Mestre que não visse Girish novamente. Sri Ramakrishna voltou silenciosamente para Dakshineswar. Ele orou: ‘Ó

⁴⁰ *The Gospel*, p. 706.

⁴¹ *Vedanta and the West* (March-April 1953), p. 58.

⁴² *The Disciples of Sri Ramakrishna*, p. 403.

Mãe, Girish é um ator. Como pode ele entender tua glória? Mãe, por favor, perdoa-o’.

No dia seguinte, Ram Chandra Datta visitou Dakshineswar. Ele ouviu a história do comportamento de Girish na noite anterior e disse ao Mestre: ‘Senhor, a serpente Kaliya⁴³ disse a Krishna: “Senhor, tu me deste veneno, em vez de néctar; onde conseguirei néctar para te oferecer?” O mesmo acontece com Girish. Onde conseguirá ele néctar? Girish te adorou com tudo o que tu lhe deste’. Sri Ramakrishna sorriu e disse aos outros devotos presentes: ‘Ouçam o que ele está dizendo. Arranjem uma carruagem. Irei à casa de Girish agora mesmo’.⁴⁴

Enquanto isso, Girish estava muito arrependido. Recusara-se a comer e chorava lastimavelmente. De repente, viu o Mestre em sua casa e ficou sobrepujado pela emoção. Disse: ‘Mestre, se o senhor não tivesse vindo hoje, teria concluído que não tinha alcançado aquele estado supremo de conhecimento onde elogio e culpa são iguais, e que não poderia ser chamado de *paramahansa* [uma alma iluminada]’.⁴⁵

Sri Ramakrishna disse certa vez a Girish: ‘Você profere muitas palavras abusivas e vulgares; mas isso não importa. É melhor que essas coisas saiam. Há pessoas que adoecem por envenenamento do sangue; quanto mais o sangue envenenado encontra uma saída, melhor para elas... Você ficará mais puro dia após dia. Você melhorará muito dia após dia. As pessoas se maravilharão com você’.⁴⁶

Certa manhã, Girish foi à casa de Balaram Basu e encontrou Balaram limpando arroz. Balaram era um rico proprietário de terras e tinha muitos criados, mas, no entanto, estava fazendo ele mesmo esse trabalho servil. Girish ficou admirado e perguntou a Balaram a razão disso. Balaram respondeu: ‘O Mestre vem hoje e almoçará aqui. Por isso estou limpando o arroz eu mesmo’.

Girish ficou impressionado com a devoção de Balaram, mas novamente o entristeceu que ele também não pudesse servir ao Mestre dessa maneira. Ele voltou para casa e, fechando a porta, pensou: ‘De fato, Deus vem às casas daqueles que têm devoção como Balaram. Sou um bêbado miserável. Não há aqui ninguém que possa receber o Mestre adequadamente e alimentá-lo’. Girish deitou-se em sua cama. Às 13h30, ouviu uma batida em sua porta. Abrindo-a, encontrou o Mestre parado ali. ‘Girish, estou com fome’, disse o Mestre. ‘Podes dar-me alguma comida?’ E, no entanto, Sri Ramakrishna terminara sua refeição na casa de Balaram

⁴³ Referência à estória de Krishna subjugando a serpente venenosa Kaliya dançando sobre a cabeça da serpente. Kaliya começou a expelir grandes quantidades de veneno e disse a Krishna: ‘Senhor, foste tu que me deste veneno, em vez de néctar, com que te adorar’.

⁴⁴ *Udbodhan*, Volume 15, p. 292-93.

⁴⁵ Swami Chetanananda, *Swami Adbhutananda: Teachings and Reminiscences*, Vedanta Society (St. Louis, 1980), p. 46-47.

⁴⁶ *The Gospel*, p. 741.

pouco tempo antes! Como não havia comida em sua casa, Girish pediu ao Mestre que esperasse. Então correu a um restaurante onde comprou alguns pães fritos e *curry* de batata e trouxe de volta ao Mestre. Esta comida era grosseira e difícil de digerir — não era de modo algum o tipo de comida geralmente servida ao Mestre. Mas Sri Ramakrishna comeu-a com grande alegria.⁴⁷

Swami Brahmananda comentou certa vez que entre todos os discípulos de Sri Ramakrishna, Swami Vivekananda e Girish Ghosh tinham os maiores poderes intelectuais. No entanto, o intelecto de Girish não resistia ao poder com que o Mestre transmitia a natureza incompreensível de Brahman. Um dia, o Mestre disse-lhe: ‘O que sabes tu sobre o conhecimento de Brahman? O grande sábio Nārada viu o oceano infinito de *Satchidananda* à distância e regressou; o sempre puro Shukadeva tocou nesse Oceano apenas três vezes; e o grande deus Shiva bebeu apenas três punhados da sua água e perdeu a consciência’. Girish bateu com a mão na testa e exclamou: ‘Pare, senhor! Não diga mais nada. Minha cabeça está girando’.⁴⁸

Um dia, Girish pediu a Sri Ramakrishna que lhe desse uma visão espiritual. ‘Não desejes tais visões’, foi a resposta. ‘Pois mesmo se as tiveres, podes não acreditar no que vês’.⁴⁹ Mais tarde, Girish entendeu o significado dessas palavras, pois percebeu que sua mente duvidosa consideraria tal experiência algum tipo de magia ou ilusão.

Certa vez, Girish ouviu o Mestre dizer: ‘Se um desejo apaixonado surgir e persistir durante a meditação, pare e comece a orar. Ore seriamente ao Senhor para que esse desejo seja removido, para que não seja realizado. Qualquer desejo que surja na meditação, particularmente um reprimido, gradualmente se intensifica. E se uma ou mais de nossas paixões estiverem envolvidas, os resultados podem ser muito inquietantes’.⁵⁰

Girish escreveu: ‘Sri Ramakrishna instruiu todos a se absterem de mentir. Eu lhe disse: “Senhor, conto inúmeras mentiras. Como serei verdadeiro?” Ele respondeu: “Não se preocupe com isso. Você está acima da verdade e da falsidade”. Quando me sinto tentado a mentir, visualizo imediatamente a forma do Mestre, e as mentiras não saem. Sri Ramakrishna tem total domínio sobre meu coração — ele o tem pelo poder de seu amor. Luxúria, raiva e todas as paixões terríveis desaparecem se alguém sente este amor transcendental dele — nenhuma outra prática espiritual é necessária. Esta realização é a meta mais elevada da vida humana’.⁵¹

⁴⁷ Swami Jnanatmananda, *Mahat Smriti*, Mitra and Ghosh (Calcutta, 1977), p. 54-55.

⁴⁸ *Girish Chandra*, p. 228; *Dharma Prasange Swami Brahmananda* (Udbodhan, 1958), p. 60.

⁴⁹ *Vedanta and the West*, Issue 187, p. 56.

⁵⁰ *Ibid.*, p. 62-63.

⁵¹ *The Disciples of Sri Ramakrishna*, p. 403.

Certa vez, Girish quis testar a graça e o poder espiritual de Sri Ramakrishna. Com isso em mente, foi a um bordel, com a intenção de passar a noite lá. Mas à meia-noite sentiu uma sensação de queimação insuportável por todo o corpo e imediatamente deixou o local e voltou para casa. Na manhã seguinte, foi a Dakshineswar e contou toda a história a Sri Ramakrishna. O Mestre ouviu e então disse-lhe firmemente: 'Seu malandro, pensas que foste mordido por uma cobra d'água sem veneno e que poderás escapar? Foste mordido por uma naja verdadeira. Depois de três gritos, serás silenciado'. A fé de Girish em Sri Ramakrishna foi fortalecida. Ele estava começando a acreditar que o Mestre era um salvador de almas como Sri Chaitanya, que redimiu os dois vilões, Jagai e Madhai.⁵² Em outra ocasião, querendo novamente testar seu guru, Girish tentou deliberadamente pensar um pensamento mundano na presença de Sri Ramakrishna, mas descobriu que não conseguia.

Em 28 de julho de 1885, Sri Ramakrishna foi à casa de Nanda Bose, um homem rico de Calcutá, para ver sua coleção de imagens de deuses e deusas. Ele ficou muito impressionado. Disse a Nanda: 'Embora você seja um chefe de família, ainda assim tem mantido sua mente em Deus. Isso é pouca coisa? O homem que renunciou ao mundo orará a Ele como uma questão natural. Há algum mérito nisso? Mas bendito é de fato aquele que, enquanto leva uma vida de chefe de família, ora a Deus. Ele é como um homem que encontra um objeto depois de remover uma pedra pesando vinte *maunds*'. (Um *maund* equivale aproximadamente a oitenta e duas libras.)

Nesta mesma ocasião, Nanda Bose serviu doces a Sri Ramakrishna e depois ofereceu-lhe folha de *betel* numa bandeja. Mas os outros convidados já haviam tirado alguns dessa bandeja. É costume que algo só possa ser oferecido a Deus se ninguém mais o tiver provado antes, então o Mestre não aceitou. Nanda percebeu isso e questionou-o sobre o assunto. Sri Ramakrishna respondeu: 'Antes de comer qualquer coisa, ofereço-a a Deus. É uma ideia minha'. Nanda estava um pouco orgulhoso de seu conhecimento da filosofia Vedanta. Tentando avaliar intelectualmente as ações de Sri Ramakrishna, ele disse: 'Mas a folha de *betel* teria ido para Deus da mesma forma'. Ele disse ainda: 'Você é um *paramahansa*. Por que você obedece à injunção ou proibição das escrituras? Elas são destinadas a pessoas ignorantes'. Sri Ramakrishna sorriu e observou novamente: 'É apenas uma ideia minha'.⁵³

Nanda concluiu disso que Sri Ramakrishna não havia alcançado o mais elevado estado não-dualista de realização, além dos pares de opostos e da lei da causalidade. Girish soube disso e ficou triste. Ele estava

⁵² *Girish Chandra*, p. 219.

⁵³ *The Gospel*, p. 821-22.

convencido de que o Mestre não havia revelado sua natureza divina a Nanda por causa do orgulho do homem pela erudição. Querendo testar isso ele mesmo, Girish convidou o Mestre para sua casa. Sem qualquer comentário, Girish trouxe uma bandeja de folha de *betel*, pegou uma para si e depois ofereceu a bandeja ao Mestre. O Mestre imediatamente entendeu a intenção de Girish e, com um sorriso, pegou uma folha de *betel* da bandeja. Louco de alegria, Girish saudou o Mestre repetidamente e então revelou toda a história aos outros que estavam presentes.⁵⁴ Aquele que faz as regras também pode mudá-las. O amor por Girish havia deixado de lado todas as regras de observância religiosa. Além disso, os grandes mestres observam as regras das escrituras para dar exemplo aos outros, e não para seu próprio benefício.

Assim, Girish passou a ter firme fé no poder redentor de Sri Ramakrishna. Anos depois, ele diria: 'Se eu soubesse que havia um poço tão grande onde jogar os [meus] pecados, teria cometido muitos mais'.⁵⁵

Certa vez, Sri Ramakrishna pediu a Girish que tomasse banho no Ganges, mas Girish relutou em fazê-lo. É crença comum que se uma pessoa toma banho no Ganges, torna-se pura. Girish considerava isso mera superstição. Finalmente, o Mestre o persuadiu, dizendo: 'Se você [sendo um grande devoto] não obedece a esses costumes religiosos, quem mais os seguirá?' Girish obedeceu. Mais tarde, ele costumava banhar-se no Ganges em ocasiões auspiciosas. Um dia, veio-lhe à mente o pensamento de que, se o Mestre havia assumido todas as suas responsabilidades, por que ele deveria ter que se banhar no Ganges para ser purificado? E, novamente, perguntou-se por que o Mestre lhe pedira para fazê-lo. No entanto, sua mente analítica logo encontrou uma resposta: Quando os pecadores se banham no Ganges, a deusa Ganga absorve seus pecados e os torna puros. Por outro lado, acredita-se que quando pessoas santas se banham, ela ganha virtude ao oferecer paz e alegria a elas. Ele concluiu que, pela graça do Mestre, ele se tornara tão puro que, com seu banho, o poder redentor da Mãe Ganga aumentaria cem vezes!⁵⁶

Onde há amor, há fé. O amor apaixonado de Girish por Sri Ramakrishna dotou-o com o que o próprio Mestre descreveu como 'cento e vinte e cinco por cento de fé'. Ele adorava falar sobre Sri Ramakrishna com seus amigos e trazê-los ao Mestre para serem abençoados. Sabendo disso, um dia o Mestre orou em voz alta à Divina Mãe: 'Mãe, não posso falar tanto. Dá um pouco de poder a Kedar, Ram, Girish e Vijay, para que

⁵⁴ *Udbodhan*, Volume 15, p. 288-89.

⁵⁵ *For Seekers of God*, trans. by Swamis Vividishananda and Gambhirananda, Advaita Ashrama (Calcutta, 1975), p. 265.

⁵⁶ *Udbodhan*, Volume 15, p. 358-59.

as pessoas possam primeiro ir a eles, aprender um pouco e, por fim, vir aqui [a mim] para ter seu despertar espiritual numa palavra ou duas'.⁵⁷

Na primavera de 1885, o câncer que se revelaria fatal começou a desenvolver-se na garganta de Sri Ramakrishna. Em setembro, os devotos o levaram de Dakshineswar para Calcutá. Lá, ele estava mais perto do médico e podia ser melhor cuidado pelos devotos, que o serviram, apoiaram e vieram vê-lo durante os últimos meses de sua vida.

Seis de novembro daquele ano era o dia da adoração da Divina Mãe Kali. Sri Ramakrishna disse a um de seus discípulos: 'É bom fazer alguns arranjos para a adoração. Por favor, fale com os devotos sobre isso'.⁵⁸ Os devotos fizeram os arranjos de acordo. À noite, quase trinta pessoas se reuniram no quarto do Mestre. Girish descreveu esse evento: 'Sri Ramakrishna sentou-se para realizar a adoração, cercado por flores, frutas e todos os vários artigos para adoração. De repente, ele se virou para mim e disse: "É o dia da Divina Mãe. Deve-se sentar e meditar assim". Não sei o que tomou conta de mim naquele momento. Simplesmente avancei e, cantando "Jai Sri Ramakrishna [Vitória a Sri Ramakrishna]", ofereci flores a seus pés. Os outros na sala fizeram o mesmo. Sri Ramakrishna imediatamente entrou em *samādhi*, com as mãos assumindo gestos que simbolizam destemor e a concessão de bênçãos'.⁵⁹

Como a saúde de Sri Ramakrishna se deteriorava constantemente, o médico aconselhou-o a se mudar para fora da cidade, onde o ar seria melhor. Consequentemente, uma bela casa de jardim foi encontrada em *Cossipore*, e a mudança foi feita em 11 de dezembro de 1885. Foi feito um acordo pelo qual os discípulos chefes de família do Mestre contribuiriam com dinheiro para seu tratamento, sua alimentação e para o aluguel. Os jovens discípulos solteiros, o núcleo da futura ordem monástica, administrariam então a casa, incluindo os cuidados com o doente e as compras. Depois de algum tempo, alguns dos discípulos chefes de família notaram que as despesas estavam aumentando gradualmente. Eles acusaram os jovens de descuido e pediram que o livro de contas fosse mantido rigorosamente. Os jovens discípulos, no entanto, ofenderam-se com isso e decidiram não aceitar mais dinheiro daqueles chefes de família. Quando a situação se tornou tensa e crítica, Girish apresentou-se com uma solução: Ele simplesmente ateou fogo ao livro de contas diante de todos. Então disse aos discípulos chefes de família que contribuíssem cada um de acordo com sua capacidade, e ele cobriria o déficit. Aos discípulos monásticos, ele disse: 'Não se preocupem. Vou vender minha casa, se necessário, e gastar cada centavo de dinheiro pelo Mestre'.⁶⁰

⁵⁷ *The Great Master*, p. 874.

⁵⁸ *The Gospel*, p. 926.

⁵⁹ *Vedanta and the West*, Issue 187, p. 61-62.

⁶⁰ *Udbodhan*, Volume 15, p. 349-50, 365.

Em 1º de janeiro de 1886, Sri Ramakrishna sentiu-se suficientemente forte para dar um passeio no jardim. Era feriado, e muitos devotos tinham vindo de Calcutá para visitar o Mestre naquela tarde. Ele começou a caminhar lentamente pelo jardim, e os devotos o seguiram. De repente, Sri Ramakrishna disse a Girish: 'Bem, Girish, o que você encontrou em mim para me proclamar diante de todos como uma Encarnação?' Caindo de joelhos diante do Mestre e saudando-o com as mãos postas, Girish respondeu com grande emoção: 'Quem sou eu para falar dele? Mesmo os sábios Vyasa e Valmiki não encontraram palavras para medir sua glória!'

Sri Ramakrishna ficou profundamente comovido. Ele abençoou Girish e os devotos reunidos, dizendo: 'Que mais preciso vos dizer? Abençoo-vos a todos. Sejam iluminados!' Então entrou em *samādhi* e começou a abençoar os devotos, tocando-os um por um. A cada toque, ele dava o despertar espiritual.⁶¹

Um dia, não muito depois disso, Gopal Ghosh (que mais tarde ficou conhecido como Swami Advaitananda) expressou ao Mestre seu desejo de distribuir tecidos ocre e rosários de *rudraksha* a monges. Sri Ramakrishna apontou para seus jovens discípulos e disse: 'Por que não dá a estes rapazes? Eles estão cheios do espírito de renúncia. Não encontrará monges melhores em nenhum lugar'. Gopal tinha doze pedaços de tecidos e doze rosários, que entregou ao Mestre. Então Sri Ramakrishna os distribuiu entre onze de seus jovens discípulos. Assim, o alicerce da futura Ordem Ramakrishna foi lançado pelo Mestre. Um tecido e um rosário sobraram, e o Mestre pediu que fossem guardados para Girish; pois, de fato, ele não ficava atrás de ninguém em seu espírito de renúncia.⁶²

Girish não visitava o Mestre com muita frequência em *Cossipore* porque não suportava ver o Mestre doente. Um dia, Girish foi lá depois que o Mestre havia comido um pudim de farinha. O copo não lavado com o resto do pudim, misturado com a secreção de sua ferida na garganta, ainda estava no chão, e algumas formigas minúsculas o comiam. Apontando para o copo, Sri Ramakrishna disse a Girish: 'Olhe! E ainda assim as pessoas me chamam de avatar!' Girish imediatamente observou: 'Senhor, agora até essas formigas obterão a liberação. Por que outra razão o senhor teria esta doença?'⁶³

Sri Ramakrishna faleceu em 16 de agosto de 1886. Um devoto trouxe a triste notícia a Girish, mas Girish não quis acreditar. Ele disse ao homem: 'Isso é mentira. O Mestre não pode morrer'.

'Senhor, eu venho daquele lugar'.

'É melhor você voltar para lá'.

⁶¹ *The Disciples of Sri Ramakrishna*, p. 404-05.

⁶² Isherwood, *Ramakrishna*, p. 300.

⁶³ Swami Gambhirananda, *Sri Ramakrishna Bhaktamalika*, Udbodhan (Calcutta, 1964), Volume 2, p. 268.

‘Mas eu o vi com meus próprios olhos’.

Girish cobriu os olhos com as mãos e retrucou: ‘Você diz o que quiser. Não vi com meus olhos, então não acredito’.⁶⁴

Girish disse mais tarde: ‘Ouvi falar do falecimento do Mestre, mas não fui a *Cossipore* vê-lo. Sabia que seria difícil para minha mente fraca manter a fé na natureza imortal do Mestre se eu visse seu corpo morto. Além disso, meus olhos se levantariam contra minha fé e me diriam: “Sri Ramakrishna está morto. Não o viste com teus próprios olhos?” Por esta razão, mantive intencionalmente um conflito entre meus olhos e meus ouvidos sobre o falecimento do Mestre. Se meus ouvidos me dissessem: “Sri Ramakrishna está morto”, direi a eles: “Vocês ouviram tantos rumores sobre o Mestre. Vão acreditar em tudo que ouvem?” Deixem as pessoas dizerem o que quiserem. Não testemunhei a morte do Mestre, portanto não acredito nela’.⁶⁵

Girish tinha a firme convicção de que o Mestre era o próprio Deus e que seu corpo era eterno e cheio de consciência pura. Doença ou morte não podiam tocar seu corpo. Por ter nascido como ser humano, ele agiu como ser humano, e a morte também fez parte de sua atuação.

Logo após o falecimento do Mestre, o infortúnio pairou novamente sobre Girish. Ele perdeu suas duas filhas. Sua segunda esposa morreu em 1887, e alguns anos depois um filho pequeno, que era muito devotado à Santa Mãe, também faleceu. Nas palavras de um de seus dramas, Girish resumiu seus sentimentos: ‘A vida é dolorosa. O mundo está vazio. Um belo jardim de flores murchou’.⁶⁶

Um fogo ardente de renúncia crescia na mente de Girish, queimando todos os seus apegos, desejos e impurezas. O copo de alho estava sendo aquecido e o odor estava desaparecendo. Um dia, Swami Niranjanananda, um discípulo monástico do Mestre, disse-lhe: ‘O Mestre fez de você um monge. Não há necessidade de você ficar em casa’. Girish aceitou o conselho de seu irmão discípulo como uma ordem do Mestre. Saiu de casa descalço, vestindo apenas um pano, e foi para o mosteiro de *Baranagore*. No entanto, seus outros irmãos discípulos o mandaram de volta para casa porque sabiam que seu corpo não suportaria as austeridades da vida de um monge. Girish então foi visitar a Santa Mãe em *Jayrambati*, sua aldeia natal. Ele amava a atmosfera espiritual de *Jayrambati* e também da vizinha *Kamarpukur*, local de nascimento de Sri Ramakrishna. A beleza encantadora dos prados, os quietos pores do sol da tarde sobre os campos abertos, a tocante simplicidade dos aldeões e, especialmente, a afeição e graça da Santa Mãe, tudo conspirou para consolar seu coração enlutado. Girish pediu-lhe permissão para abraçar a vida monástica, mas a Santa

⁶⁴ Ratnakar Girishchandra, p. 172.

⁶⁵ Udbodhan, Volume 15, p. 353.

⁶⁶ Bhaktamalika, p. 268; Udbodhan, Volume 14, p. 726.

Mãe o persuadiu a permanecer como chefe de família, dedicando-se a escrever peças retratando a vida e os ensinamentos do Mestre. Depois de algum tempo, Girish retornou a Calcutá com nova esperança e inspiração. Mais tarde, quando a Santa Mãe estava em Calcutá, ela foi vê-lo atuar algumas vezes e gostou imensamente.⁶⁷

O espírito hedonista de Girish foi subjugado pelo toque espiritual de Sri Ramakrishna. Seu estilo de vida agora estava mudado. Ele abandonou completamente a bebida nos últimos vinte anos de sua vida.⁶⁸ E, no entanto, seu estilo de vida anterior sem dúvida contribuiu muito para seu sucesso como ator e dramaturgo. A intensidade com que seu coração gigantesco sentira tristeza, alegria, desespero e esperança tornou possível para ele retratar vividamente os personagens de seus dramas. Ele costumava dizer que o poeta e o dramaturgo só podiam imbuir seus escritos de vida e sentimento se eles próprios tivessem tido experiência em primeira mão de todas as facetas da vida. Ele disse certa vez: 'Quem pode criticar a representação de personagens em minhas peças? Estudei a vida de todos os tipos de pessoas, da prostituta ao *paramahansa* [alma iluminada]'.⁶⁹ Seu poder de imaginação era tão forte que ele podia realmente visualizar os personagens de seus dramas.

Certa vez, ele pediu a Swami Saradananda que o visitasse todos os dias para que pudesse conversar com ele sobre o Mestre. Ele disse: 'Preciso de um pouco de distração. Estou agora escrevendo um drama sobre Mirkasim [um governante muçulmano de Bengala que foi traído por seu próprio povo]. Oh, que conspiração! Não aguento mais. Vejo Mirkasim até nos meus sonhos — seu rosto barbado move-se diante dos meus olhos'.⁷⁰

Muitos livros e artigos foram escritos sobre a influência de Sri Ramakrishna nas peças de Girish. O próprio Girish reconheceu o fato: 'Quando escrevi a peça *Vilwamangal*, vários de seus [do Mestre] devotos me questionaram sobre ela. Eu lhes disse que aprendera a arte de escrever peças com Sri Ramakrishna'.⁷¹ Swami Vivekananda leu o *Vilwamangal*⁷² de Girish muitas vezes e disse que cada vez recebia nova luz dele.

⁶⁷ *Udbodhan*, Volume 15, p. 356-58.

⁶⁸ Hemendra Nath Dasgupta, *Sri Sri Ramakrishnadev O Bhakta-Bhairav Girishchandra* (Calcutta, 1946), p. 44.

⁶⁹ *Udbodhan*, Volume 35, p. 347.

⁷⁰ *Girish Chandra*, p. 413.

⁷¹ *Vedanta and the West*, Issue 186, p. 56.

⁷² A trama de *Vilwamangal* é adaptada de um conto do Bhaktamala, uma coleção de histórias sobre devotos e santos. *Vilwamangal*, um rico libertino, apaixonou-se por uma cortesã chamada Chintamani, que vivia do outro lado do rio. *Vilwamangal* era tão apaixonado por ela que a visitava todas as noites. Numa noite tempestuosa, nenhum barqueiro ousou levá-lo através do rio, então ele saltou para a correnteza rápida. Agarrando-se a um cadáver flutuante, que ele confundiu com um tronco, atravessou o rio. Era tarde e o portão de Chintamani estava fechado, então ele agarrou o rabo de uma cobra venenosa, pensando ser uma corda, e escalou o muro. Chintamani ficou estupefata quando soube de tudo. Disse-lhe: 'Nós não sabemos o que é amor.'

Num drama, *Rupa-Sanatan*, Girish retratou Sri Chaitanya tocando os pés dos devotos em saudação. Isso chocou alguns seguidores de Sri Chaitanya, e eles desafiaram Girish quanto à sua autenticidade. Girish respondeu: 'Eu vi com meus próprios olhos que Sri Ramakrishna tocava os pés dos devotos. Não escrevo sobre nada que não tenha experimentado. Certa vez, houve uma reunião religiosa com canto devocional na casa de um devoto, e Sri Ramakrishna tocou a poeira daquele lugar e a esfregou em seu corpo. Quando os devotos tentaram impedi-lo, ele disse: "Olhem! Não sabem que este lugar foi santificado pela presença dos devotos, pela conversa espiritual e pelo canto devocional? Deus vem ouvir onde Seus devotos glorificam Seu nome. A própria poeira deste lugar tornou-se pura pelas pegadas dos devotos"'.⁷³

A carreira de escritor de Girish começou quando ele tinha trinta e cinco anos e continuou por trinta anos. Ele foi um escritor prodigioso e produziu durante esse tempo setenta e nove obras, incluindo dramas, sátiras e musicais. Além disso, escreveu muitos contos, artigos, poemas e canções. Seus dramas tratavam principalmente de temas religiosos, sociais, históricos, mitológicos e patrióticos. Seu espírito inovador teve um efeito duradouro no teatro em Bengala — na verdade, ele ficou conhecido como o pai do teatro bengali.⁷⁴ Ele evitou a linguagem florida tradicional do teatro devido por ser pesada e por sua artificialidade, e introduziu o verso "*blank*" irregular nas conversas de seus dramas. Isso eventualmente ficou conhecido como *Gairish Chhanda*, isto é, a métrica de Girish.⁷⁵ A linguagem de suas peças é natural, vigorosa, coloquial e poética. Ele sentia que a ação e a interação criam a força vital do drama, e o espírito do drama é transportado em sua linguagem.⁷⁶

A mente de Girish trabalhava tão rápida e prodigiosamente que ele precisava de secretários para anotar suas palavras; ele próprio não conseguia escrevê-las com rapidez suficiente. Absorvido no fluxo de ideias, ele andava de um lado para o outro em seu quarto e ditava todos os diálogos do drama em voz alta, como se estivesse representando cada papel ele mesmo. Seu secretário mantinha sempre três lápis à mão. Não podia usar caneta e tinteiro porque nunca havia tempo suficiente para molhar a pena no tinteiro. Certa vez, o secretário não conseguiu acompanhar a velocidade do ditado e pediu a Girish que repetisse o que acabara de dizer. Girish ficou zangado e pediu-lhe que não quebrasse seu

Mas, meu amigo, por que dás o teu coração a uma mulher como eu? Por que não o dás a Deus? Serias iluminado'. Este foi o ponto de virada na vida de Vilwamangal. Ele mais tarde tornou-se um santo.

⁷³ Girish Chandra, p. 217-18.

⁷⁴ Udbodhan, Volume 14, p. 729.

⁷⁵ Girish Chandra, p. 156-58.

⁷⁶ Ibid., p. 177.

estado de espírito. Disse ao secretário que colocasse pontos onde havia perdido palavras e que ele as preencheria mais tarde.⁷⁷

Há muitas histórias sobre seu talento para escrever. Diz-se que ele conseguia escrever um drama em alguns dias. *Sitar Vanabash* (O Banimento de Sita) foi escrito numa só noite.⁷⁸ Ele também escreveu vinte e seis canções para *Sadhavar Ekadashi* em apenas uma noite.⁷⁹ A Irmã Devamata mencionou em *Days In An Indian Monastery*: 'Um dos maiores, um drama em seis atos intitulado *Vilwamangal the Saint*, foi escrito em vinte e oito horas de trabalho ininterrupto'.⁸⁰ Swami Subodhananda disse: 'Vimos Girish ditando três dramas diferentes a três secretários, um após o outro'.⁸¹ Em outra ocasião, Girish dramatizou *Kapalkundala*, uma famosa obra ficcional de Bankim Chandra Chatterjee, numa noite, ditando-a a quatro secretários.⁸²

Girish era seu próprio maior competidor. Quando um de seus dramas era particularmente bem recebido, ele sentia que tinha que trabalhar mais no próximo para superar o anterior. Ele gostava de derrotar a si mesmo.⁸³

Às vezes, os discípulos monásticos de Sri Ramakrishna, para provocar uma resposta de Girish, provocavam-no: 'Você está escrevendo e atuando movido por seus próprios desejos, e ainda assim diz que o Mestre lhe deu a tarefa de salvar as pessoas caídas do mundo. Não sente vergonha de falar assim?' Mas Girish respondia ousadamente: 'Espera, irmão! Quando eu encontrar Sri Ramakrishna novamente, direi a ele que não vou mais representar o papel de vilão. Da próxima vez, que seus discípulos monásticos representem os vilões e eu representarei o papel de um caráter nobre'. Verdadeiramente, Girish acreditava que era o Mestre quem trouxera esses devotos ao mundo para representar diferentes papéis em seu drama divino.⁸⁴

Nos primeiros dias de sua carreira, Girish tinha muito pouco dinheiro e, por causa de sua reputação, era difícil para ele encontrar apoio financeiro para seus empreendimentos. No entanto, em 1869, fundou o *Teatro Amador de Baghbazar* e, pouco depois, um homem rico convidou a companhia de teatro para encenar *Sadhavar Ekadashi*, um drama social, em sua casa por ocasião da adoração da Divina Mãe Durga.⁸⁵ Neste drama,

⁷⁷ *Ibid.*, p. 176-77

⁷⁸ *Udbodhan*, Volume 14, p. 123

⁷⁹ *Ibid.*, Volume 14, p. 718.

⁸⁰ Sister Devamata, *Days In An Indian Monastery*, Ananda Ashrama (California, 1927), p. 268

⁸¹ *Mahat Smriti*, p. 43.

⁸² *Girish Chandra*, p. 325.

⁸³ *Ibid.*, p. 414.

⁸⁴ *Udbodhan*, Volume 15, p. 351

⁸⁵ *Udbodhan*, Volume 14, p. 717-18

Girish representou o papel de um bêbado. Sua representação foi tão realista que, através desse papel, ele primeiro fez seu nome para si no teatro. Isso não é surpreendente quando se sabe que ele disse ao diretor de palco antes da apresentação: 'Não posso representar um bêbado se tiver que beber água colorida de uma garrafa no palco. Quero vinho genuíno'. O resultado foi que até o escritor do drama, que estava presente, ficou impressionado com a atuação de Girish. Ele disse a Girish: 'Este papel parece ter sido escrito para você, e sem você a peça não seria um sucesso'.⁸⁶

Girish logo se mudou para o *Star Theatre* e tornou-se seu gerente. Sua mente brilhante e criativa sempre encontrava maneiras de superar os problemas inevitáveis de gestão. Não havia dinheiro suficiente para comprar figurinos caros, então ele escreveu *Chaitanya Lila*, o drama sobre a vida de Chaitanya que Sri Ramakrishna viu, porque exigia apenas alguns mantos ocre e rosários como figurinos.⁸⁷

Girish foi, na verdade, a força motriz por trás do estabelecimento de vários teatros em Calcutá, incluindo o *Teatro Amador de Baghbazar*, o *Teatro Nacional*, e os *Teatros Star, Emerald, Classic e Minerva*. Ele próprio era um ator soberbo e versátil, e onde quer que atuasse, multidões vinham vê-lo. Certa vez, ele representou cinco papéis diferentes na mesma peça, *Kapalkundala*, e provou por sua atuação a importância de cada um dos cinco personagens.⁸⁸

Em *Days In An Indian Monastery*, a Irmã Devamata escreveu:

Gostei de conhecer o notável dramaturgo bengali, Girish Chandra Ghosh... Também um ator talentoso, é chamado de o Garrick do palco bengali, bem como o Shakespeare do drama bengali.

A medida de seu dom como ator é dada neste incidente. Vidyasagar, o erudito e filantropo, estava no teatro de Girish Babu uma noite quando o ator representava um devasso. Numa cena em que ele estava abusando de uma mulher, Vidyasagar ficou tão agitado com a vivacidade da representação que tirou sua chinela e a atirou no ator. Atingiu-o e ricocheteou no palco. Girish Babu a apanhou, colocou-a na cabeça e, com uma reverência ao público, declarou que nunca recebera um tributo mais gratificante.⁸⁹

Como seria de esperar, as inovações de Girish no teatro encontraram alguma oposição. Seu verso "*blank*" irregular foi criticado por escritores tradicionais. Ele também foi veementemente atacado por puritanos por empregar prostitutas para representar papéis femininos em seus dramas. Antes disso, os homens representavam papéis femininos. Frequentemente, essas mulheres se revelavam atrizes dedicadas e talentosas. Eram pouco

⁸⁶ Ratnakar Girishchandra, p. 6-7.

⁸⁷ Udbodhan, Volume 14, p. 717-18.

⁸⁸ Girish Chandra, p. 326.

⁸⁹ Days In An Indian Monastery, p. 267.

educadas, mas Girish as treinava e escrevia seus dramas em linguagem simples para que pudessem retratar os personagens com naturalidade. A famosa estrela Tinkari disse: 'Eu era uma garota iletrada. Foi por sua graça [de Girish] que agora sou atriz'.⁹⁰

Girish tinha um grande sentimento pela arte. Ele sabia que a faculdade artística não se manifesta adequadamente se houver medo, incerteza, pressão ou exploração. Mais tarde, doou dezesseis mil rúpias às autoridades do *Novo Teatro Estrela* para concluir sua construção e disse-lhes: 'Por favor, não humilhem nem explorem os atores e atrizes. Deixem-nos atuar livremente'.⁹¹

Contrariamente à sua reputação, Girish era, na verdade, muito sério e estável, e por causa disso foi capaz de superar obstáculos e críticas e, eventualmente, ganhar o respeito e a atenção do público. Na verdade, a devassidão de Girish tem sido um tanto exagerada por alguns. Dhan Gopal Mukerji revelou outro lado dele em *The Face of Silence*:

"Ele não era apenas o nosso maior dramaturgo moderno, era também um grande ator e produtor. Foi ele quem revelou às mulheres do submundo que elas podiam mudar suas vidas para melhor adotando a atuação como profissão. Muitas almas miseráveis ele salvou treinando-as para atuar. Não só isso, ele também elevou e revelou aos olhos do público pelo menos meia dúzia de atrizes da mais alta categoria, que até então tinham sido condenadas a uma vida de vício enquanto rapazes representavam os papéis de mulheres no palco. Desde Girish, tudo isso mudou.

Outro dia, na Índia, quando uma de suas atrizes estrela, agora uma senhora idosa, visitou minha esposa e a mim, ela nos contou como o 'Pai' — era assim que ela chamava Girish — trabalhava. 'Ele provocou uma revolução na vida da mulher em geral. Mulheres em pobreza terrível, em vez de serem forçadas para o abismo do vício, eram agora resgatadas pelo palco. Mas o Pai não parou por aí. Ele nos colocou a todos em contato com os ensinamentos de Ramakrishna. 'Ele queria que viéssemos ao mosteiro durante as horas de adoração e orássemos a Deus. Algumas de nós tínhamos medo de manchar o solo sagrado. O Pai respondeu: "Se Ramakrishna estivesse vivo, ele ensinaria a ti e a mim pessoalmente. Ele nos ama. Não veio ele à terra para os caídos como nós?"'

Nossas conversas com muitos outros atores e atrizes idosos convenceram-nos de que Girish, permanecendo com seus velhos companheiros boêmios, fez mais bem espiritual do que se os tivesse deixado. Após o segundo nascimento de sua alma, ele não agiu como um arrivista moral; não repudiou nada de seu passado. Em vez disso, permeou lentamente seus amigos e seus escritos com o espírito de Ramakrishna. E quanto à Procuração que ele deu a seu guru, Turiyananda e outros testemunham que ele nunca a violou. Todos eles afirmam:

⁹⁰ Sri Ramakrishna O Banga Rangamancha, p. 20.

⁹¹ Sri Ramakrishna O Bhakta-Bhairav Girishchandra, p. 107.

‘Girish era o mais religioso de todos nós; ele vivia, como disse que viveria, pelas instruções do Morador Interior’.⁹²

Girish introduziu entre os artistas um costume que é praticado ainda hoje. Antes de aparecer no palco, cada ator e atriz se curva diante de uma fotografia de Sri Ramakrishna. Assim, Sri Ramakrishna tornou-se, de certa forma, o santo padroeiro do teatro bengali, e sua fotografia pode ser encontrada pendurada nos bastidores em quase todos os teatros de Calcutá.⁹³

A autoentrega de Girish foi verdadeiramente única e fenomenal. Swami Vivekananda certa vez observou: ‘Só em G.C. [Girish] vi aquela verdadeira resignação — aquele verdadeiro espírito de servo do Senhor... Não encontrei seu paralelo. Dele aprendi a lição da autoentrega’.⁹⁴

Durante a parte final de sua vida, muitos monges e devotos visitavam Girish para aprender mais sobre Sri Ramakrishna com ele. Quando ele falava sobre o Mestre, seu rosto se ruborizava com fervor emocional. Até Swami Vivekananda, quando estava em Calcutá, dizia aos devotos: ‘Vamos a G.C. e tenhamos um pouco de “conversa falsa”’.⁹⁵ O que o swami queria dizer era que ele intencionalmente criticaria Sri Ramakrishna para que pudessem ouvir Girish defender o Mestre com toda a sua fé, vigor e sinceridade. Isso criaria uma atmosfera espiritual tremenda. Girish era altamente respeitado pelos devotos. Durga Charan Nag observou: ‘Se alguém se senta perto de Girish por cinco minutos, será elevado da dor e sofrimento mundanos. Ele é um grande herói — o anjo guardião de Shiva’.⁹⁶

Certa vez, Swami Vivekananda estava dando uma aula sobre o *Rig Veda* e estava no processo de explicar como a criação evoluiu do som quando Girish chegou. Virando-se para ele, o swami disse: ‘Bem, G.C., você não se importa de estudar tudo isso. Passa seus dias com sua adoração a este e àquele deus, hein?’

Girish disse: ‘O que hei de estudar, irmão? Não tenho tempo nem compreensão suficiente para me intrometer em tudo isso. Mas desta vez, com a graça de Sri Ramakrishna, atravessarei o oceano de *māyā*, despedindo-me dos vossos Vedas e Vedanta. O Mestre leva-te através de todos estes estudos porque ele quer ensinar muitas coisas através de ti. Não preciso disso’. Dizendo isto, Girish tocou o volume do *Rig Veda* com a cabeça e exclamou: ‘Vitória a Ramakrishna na forma do *Veda*’

⁹² Dhan Gopal Mukerji, *The Face of Silence*, E. P. Dutton & Co. (New York, 1926), p. 214-16.

⁹³ Isherwood, *Ramakrishna*, p. 254.

⁹⁴ *The Complete Works of Swami Vivekananda*, Advaita Ashrama (Calcutta, 1969), Volume VII, p. 271.

⁹⁵ *Girish Chandra*, p. 418.

⁹⁶ *Sri Ramakrishna O Bhakta-Bhairav Girishchandra*, p. 69.

Então Girish disse a Swami Vivekananda: ‘Irmão, já leste o suficiente dos *Vedas* e *Vedanta*. Encontrei neles algum caminho para nós sairmos destas profundas misérias neste país — todos estes lamentos de tristeza, toda esta fome, todos estes crimes de adultério e outros horríveis pecados?’

Girish continuou narrando vividamente o quadro doloroso da sociedade indiana enquanto Swami Vivekananda permanecia em silêncio. Lágrimas começaram a fluir de seus olhos. Ele levantou-se e saiu da sala.

Então Girish disse ao discípulo: ‘Viste? Que grande e amoroso coração! Eu respeito o vosso Swamiji, não como um erudito védico, mas por aquele grande coração que o fez retirar-se a chorar há pouco ao pensar nas tristezas dos seus semelhantes’.⁹⁷

Mesmo quando idoso, Girish jejuava como observância religiosa durante a celebração do *Shiva-ratri* (um festival anual em honra do Senhor Shiva). Certa vez, alguém lhe perguntou: ‘Você está velho e não está bem. Por que deveria jejuar?’ Girish respondeu: ‘Eu ganho alguma coisa’. ‘O quê?’ ‘Uma visão’. ‘Visão de quem — do Senhor Shiva ou de Sri Ramakrishna?’ ‘Tenho uma visão do Mestre’. ‘Ele fala consigo?’ ‘Não’. E então Girish acrescentou: ‘Esse é o último desejo da minha vida’.⁹⁸

Durante os últimos anos de sua vida, Girish sofreu terrivelmente de asma. No entanto, ele alcançara tal estado de espírito que a doença, a dor e a tristeza não conseguiam subjugar seu espírito. Mesmo durante seus ataques de asma, ele dizia com um sorriso: ‘Olha, não tenho simpatia por este corpo ingrato. Dei-lhe boa comida para sua nutrição, cuidei dele com confortos e todo o tipo de coisas — no entanto, este mesmo corpo procurou esta terrível asma! Falando a verdade, não quero que esta doença seja curada. Cada ataque de asma me lembra a impermanência do corpo’. Então ele orava: ‘Senhor, Tu és gracioso. Que eu tenha esta fé até a morte’.⁹⁹

Certa vez, enquanto ponderava sobre sua própria morte, pensou: ‘Bem, a morte aproxima-se lentamente. O que acontecerá após a morte? Não sei para onde irei’. Girish pensava desta forma quando M. (Mahendra Nath Gupta, o escriba do *Evangelho de Sri Ramakrishna*) veio visitá-lo. M. começou a conversar com Girish sobre o Mestre.

De repente, num estado de espírito inspirado, Girish disse a M.: ‘Irmão, poderias bater-me com os teus sapatos? Não estou a brincar. Estou a falar a sério’. M. sorriu e perguntou a razão de tal pedido. Girish respondeu: ‘Para te dizer a verdade, mereço uma sapatada. Sri Ramakrishna está sentado dentro do meu coração e está sempre a proteger-me. No entanto, ainda me pergunto o que será de mim após a morte!’¹⁰⁰

⁹⁷ *The Complete Works of Swami Vivekananda* (1968), Volume VI, p. 499-500.

⁹⁸ *Udbodhan*, Volume 52, p. 291

⁹⁹ *Girish Chandra*, p. 419-20

¹⁰⁰ *Udbodhan*, Volume 15, p. 366-67.

Outra vez, Girish disse aos seus irmãos discípulos, com o seu vigor habitual: 'Pensam que não consigo livrar-me desta doença comum? Posso. Posso prová-lo. Se eu rolar no chão do *Panchavati* em Dakshineswar e orar com força ao Mestre, esta doença desaparecerá. Mas sei que o Mestre é todo-misericordioso. É sua vontade que eu esteja a passar por esta doença, tristeza, dor e sofrimento. Tudo é para o meu bem. Este sentimento, por sua graça, é tão forte na minha mente que não tenho inclinação para orar para que a minha doença seja curada. Sri Ramakrishna é uma árvore que realiza desejos. Sempre que orei por alguma coisa, eu a consegui'.¹⁰¹

O toque de Sri Ramakrishna gradualmente despertou a consciência de Deus em Girish, e a grande fé e devoção de Girish tornaram-na ainda mais forte. Certa vez, referindo-se ao Mestre, disse: 'Acho que não é difícil obedecer-lhe, amá-lo ou adorá-lo. Mas, de fato, é *difícil esquecê-lo*'.¹⁰²

Quando as pessoas lamentavam a sua má sorte por não terem tido a oportunidade de conhecer Sri Ramakrishna, Girish respondia: 'Assim como a Mãe Ganga fluiu em cem correntes para redimir a dinastia Sagara¹⁰³, assim o amor exuberante de Sri Ramakrishna está fluindo através de centenas de devotos para eventualmente redimir o mundo'.¹⁰⁴

Sri Ramakrishna pedira a Girish que continuasse a atuar e a escrever dramas, e ele assim fez até o fim da sua vida. Em 15 de julho de 1911, fez a sua última atuação no Teatro Minerva, em Calcutá. Era um dia frio e chuvoso. Ele sofria de asma, e o seu papel exigia que aparecesse no palco várias vezes com o peito nu. As pessoas preocupavam-se com a sua saúde e pediam-lhe que não atuasse, mas ele argumentava que não devia desobedecer ao Mestre, que lhe pedira para atuar. Além disso, sabia que muitas pessoas ficariam desapontadas se ele não aparecesse. O esforço e o tempo conjugaram-se para agravar a sua doença. A partir daí, a sua saúde declinou rapidamente. Aos que se preocupavam com ele, dizia: 'Este corpo não me pertence. É do Mestre. Permanecerá enquanto ele o mantiver'.¹⁰⁵ Ele expirou em 8 de fevereiro de 1912. As suas últimas palavras foram: 'Mestre, tu vieste. Por favor, destrói a minha intoxicação mundana. Vitória a Sri Ramakrishna! Vamos'.¹⁰⁶

¹⁰¹ *Ibid.*, Volume 15, p. 359.

¹⁰² *Vedanta and the West*, Issue 187, p. 59.

¹⁰³ Nos tempos antigos, o Rei Sagara quis realizar um sacrifício de cavalo para alcançar supremacia e mérito. Isso envolvia soltar um cavalo, mas fortemente guardado, para vagar livremente por um ano. Se nesse tempo ninguém tivesse derrotado os soldados e roubado o cavalo, todas as terras por onde ele tivesse vagado pertenceriam ao rei que realizava o sacrifício. Os filhos do Rei Sagara estavam guardando o cavalo, mas ele escapuliu deles. Mais tarde, encontraram o cavalo no eremitério de um sábio. Os filhos de Sagara acusaram o sábio inocente de roubar o cavalo, e essa acusação provocou a ruína deles. Bhagirata, o tataraneto de Sagara, trouxe o Ganges do céu para a terra a fim de salvar seus ancestrais falecidos.

¹⁰⁴ *Udbodhan*, Volume 53, p. 506.

¹⁰⁵ *Sri Ramakrishna O Bhakta-Bhairav Girishchandra*, p. 102

¹⁰⁶ *Udbodhan*, Volume 14, p. 118.

Girish deixou o palco do mundo como deixara o palco do teatro — com o floreio e heroísmo de um ator experimentado. Como um drama em si, a história da sua transformação milagrosa viajou de pessoa para pessoa, de lugar para lugar e de país para país. A sua atuação, a sua escrita, o seu amor pela arte, o seu sentimento pelos pobres e caídos e, acima de tudo, a sua fé no seu guru, tornaram-no imortal.

